

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6030

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Se por um segundo você voltasse

Antonia Edivânia Lima da Silva Canja
edivanielimacanja@gmail.com

A saudade tem o peso de uma âncora e a leveza de uma brisa. Ela nos prende a momentos que já se foram e, ao mesmo tempo, nos eleva acima das trivialidades do cotidiano. Em uma tarde cinzenta de outono, sentei-me no banco da praça, onde as folhas caídas desenhavam caminhos dourados.

Observei as pessoas passando, cada uma absorvida em seus pensamentos e afazeres, e eu pensava em você, com seus olhos que sorriam antes dos lábios, com sua voz que parecia cantar mesmo quando falava das coisas mais simples. Você que partiu para um lugar onde as cartas não podiam alcançar, onde as chamadas não tinham sinal.

A saudade era uma companhia constante, uma sombra

que me seguia, não importava o quão brilhante o sol brilhasse. Eu lembrei de como você girava pelo quarto, dançando com a música que só nós ouvíamos, de como você me fazia ver o mundo através de lentes coloridas de alegria e esperança.

Agora, o meu mundo tinha menos cores. Eu sabia que a saudade não era apenas sobre a dor da ausência. Era também sobre a beleza dos momentos compartilhados, sobre o amor que continuava a crescer mesmo na separação. Era um lembrete do que tivemos, foi real e poderoso.

Fechei os olhos e permitime sentir a saudade sem resistência. E em meu coração, você dançou mais uma vez, sob o céu de outono, entre as folhas que caíam como confetes em uma celebração silenciosa da vida que vivemos juntos.

Normalmente isso acontece em aberturas de exposições, por exemplo

Pablo Santos
pablosantosjornalista@gmail.com

A proposta era uma abertura de expiação no Meireles. No entanto, em um beco não asfaltado, Os ricos, que sempre estudaram a pobreza e o capitalismo, Mas que, ao mesmo tempo, Não consegue, ou não querem fugir do sistema Testam a experiência de como é, cenograficamente, viver com pouco. Os sapatos caros, de valor financeiro ou artístico, Como muitos Espedito Seleiro, pisam no chão que não é de madeira. Champanhes são servidos, Às vezes não bebidos, Mas apenas segurados, Para fazer o social. Não asfaltar a rua é o “vintage”, A experiência de aparentar viver outra realidade Descolados por “não precisar de muito para ser feliz”, Não sabem o que é o pouco. Vou votar no meu tio. Vou votar na minha prima.

Meu pai fez isso, meu avô fez aquilo outro. Minha família fundou.

No jardim, o chão é de pedrinhas, igual àquelas casas, Sem grama, Mas com grana. Tudo é uma experiência de como ser o que não é. As pessoas chamam mais atenção que as obras.

As roupas no corpo são as tintas nas telas, Exuberantes, Esbanjando estilo, Bancando quem são, Assustando os moralistas. Vão na esquina, vão ao Marrocos, Pais médicos, Filhos artistas, Pais artistas, Filhos artistas. O rico estuda o pobre, O pobre serve ao rico. Garçons, garçons, garçons, Motoristas, motoristas, motoristas, Fotógrafos, fotógrafos, fotógrafos Champanhe, água, champanhe. Mas era apenas uma exposição de arte.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Saudade de tudo

Yasmim Dourado
Ex-Correspondente O POVO

Lá no talvez ponto mais intrínseco da minha mente, a falta e a nostalgia se entrelaçam, abrindo um traçado imaginário dentro do meu eu sem início e sem saída, criando o ténue entre o alívio e o sufocante.

Nostalgia de um tempo bom que me trazia êxtase enquanto eu vivia e compartilhava o momento, mas manchado por concepções de um futuro salgado de “adulices”.

Mas saudade... de tudo. De não ter nostalgia, de não pensar por além da conta, de não lembrar da existência a longo prazo a ponto de ser aprisionante... Sinto saudade de colo de mãe. Da meninice.

E o alívio vem, de amarras antigas desfareladas, até chegar a lembrança de que não sou mais novidade. Aos poucos, deixo de ser surpreendente, e me torno mais um grão de areia, entre nostalgias e faltas, me vejo ao relento da esperança do fôlego trazido apenas pelo novo.

Me passe a tinta

Amadeu Neto
Ex-Correspondente O POVO

Me passe a tinta
Vou desenhar em letras garrafais
As palavras que são suas, já não minhas
Jamais, num tempo desse
Me deixe para trás
Suplico, quero ter fôlego para andar contigo
De cima a baixo, vielas sem calçadas
Nua a rua e o céu, abertos
E o sol que me enlouquece
Estreito os olhos para ler no meu papel
Só tua sombra para dar a nitidez
Então por sensatez, me passe a tinta
Prometo, vou me controlar para não borrar
Mas é que quero derramar por todo canto
Todo canto que eu passar
As cores
Os seus tons em mim
O meu amarelo em ti
Então rapaz,
Me passe a tinta



Papoulas

Gabriel Siebra
Ex-Correspondente O POVO

Dani olhava as papoulas que cresciam no campo, seus cabelos curtos esvoaçavam pelo vento misturando seu cheiro com o aroma inebriante das flores. Seu olhar penetrante admirava a beleza das flores, suas pétalas rubras aprisionavam e suas delicadezas induziam ao toque, escondendo o veneno que vicia e fere, que tranquiliza e mata. Luís, intrigado, foi atrás de Dani, que contemplava as flores em um olhar cego, balançando as missangas de seu colar com uma delicadeza compulsória,

Luís tocou em seu ombro, e ela virou-se, olhou nos olhos de Luís, e quase como em uma alusão, paralisou o garoto, como em um abraço, como nas empadas da Aurora, os olhos de Dani brilhavam nos óculos e com uma força coercitiva, invadiu as artérias de Luís, envenenando-o, como as papoulas, a arritmia se contrapôs a parada, três segundos viraram séculos. Luís adquiriu o pior dos egoísmos e Dani apenas sorriu, olhou o relógio e partiu, com os cabelos ao vento, e Luís, ficou com o veneno das flores e o egoísmo no peito olhando as doces papoulas.

Diário de uma mãe

Isathai Morena
Correspondente Mestre

Querido diário, quanto tempo, né? Pois é, ando muito ocupada ultimamente, procurando refletir sobre tudo o que tem acontecido na minha vida.

Deixa eu começar do começo: eu sempre quis ser mãe, mas vivia pedindo a Deus para ter filhos saudáveis, que não tivessem nenhum tipo de deficiência ou síndrome. Nem tanto por preconceito – que a gente insiste em dizer que não tem – mas porque eu não me achava capaz de cuidar de uma criança “atípica”.

Aos 10 anos de idade, meu filho foi diagnosticado com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (o famoso TDAH) e o Transtorno Opositor Desafiador (o não tão conhecido TOD), com indicação de medicação e acompanhamento de uma série de profissionais e terapeutas.

Confesso que essa questão do remédio me deixou preocupada com possíveis efeitos colaterais (lá vem o preconceito de novo!) e, quando informei as novidades ao pai, a reação dele foi ainda pior: “meu filho não tem nada, não precisa tomar remédio nenhum, de terapia nenhuma, é tudo culpa sua, por ter se separado de mim e não ter dado limites a ele!”. É, meu caro diário, ouvir isso foi mais doloroso que o diagnóstico do neurologista, afinal, temos tratamento para esses transtornos, já para a ignorância humana é mais complicado...

E aqui estou, estudando, buscando informações sobre como lidar com as questões relacionadas ao meu filhote, para que ele possa superar as dificuldades e se desenvolver da maneira mais saudável possível. E sim, eu sou capaz de cuidar dele em qualquer circunstância, tendo como aliados o amor e o conhecimento.

Por hoje é só, vou cuidar aqui. Até a próxima. Beijos de mãe.



Aos 10 anos, meu filho foi diagnosticado com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade